

II Congresso Histórico Internacional

AS CIDADES NA HISTÓRIA: SOCIEDADE

18 a 20 de outubro de 2017

ATAS

CIDADE INDUSTRIAL

2017

FICHA TÉCNICA

Título

II Congresso Histórico Internacional
As Cidades na História: Sociedade

Volume

III - Cidade Industrial

Edição

Câmara Municipal de Guimarães

Coordenação técnica

Antero Ferreira
Alexandra Marques

Fotografia

Paulo Pacheco

Design gráfico

Maria Alexandre Neves

Tiragem

200 exemplares

Data de saída

Dezembro 2019

ISBN (Obra completa)

978-989-8474-54-4

Depósito Legal

364247/13

Execução gráfica

Diário do Minho

ÍNDICE

CIDADE INDUSTRIAL

CONFERÊNCIAS

pág. 7

La Industria en la Historia de las Ciudades Medias Españolas: Una Reflexión Espacial

Gonzalo Andrés López

pág. 29

Cidade Industrial

Jorge Fernandes Alves

COMUNICAÇÕES

pág. 37

A fábrica de curtumes de José Maria Leite no Casal ou Quinta de Vila Verde (S. Sebastião e Urgezes, Guimarães): resultado de duas intervenções arqueológicas

Andreia Silva

pág. 65

A cidade a partir do edifício: narrativas urbano-edilícias na cartografia histórica de Belém (1886 a 1912)

Celma Chaves, Rebeca Dias

pág. 89

Cidade Industrial e o Mercado de Trabalho em pequenos Municípios no Brasil

Denis Cereja dos Santos, Silvio Roberto Stefano, Edgar Gandra

pág. 109

A Beira do Cais: Trabalho e Cotidianidade entre os Portuários de Rio Grande-RS e Lisboa-PT

Edgar Ávila Gandra, Silvio Roberto Stefano

pág. 113

O largo da Mumadona. História, desenho e evolução da sua importância na estrutura urbana de Guimarães

Eduardo Fernandes

pág. 135

Porto: a cidade industrial e o sistema portuário

Elsa Pacheco, Jorge Fernandes Alves

pág. 157

“Pela Creche!” As dinâmicas sociais em torno da proteção da prole infantil, na sede de concelho de Vila Nova de Gaia, na viragem para o século XX

Eva Baptista

pág. 187

A modernidade urbana em corpos adestrados: o futebol no ritmo (e nas contradições) da industrialização

Gilmar Mascarenhas

pág. 209

Vila Nova de Gaia, a “Southwark do Porto” nos primórdios da época industrial

J. A. Gonçalves Guimarães

pág. 241

Dinâmicas industriais corporativas e sociais em Guimarães: anos 50 e 70 do século XX

José Mano Torres

pág. 261

Do lugar à cidade da Trofa - Um século de industrialização

José Pedro Maia Reis

pág. 291

Caminhos da Modernidade: a Cidade de Belém-Pará-Brasil sob os Signos de um Tempo Acelerado

Leticia Souto Pantoja

pág. 323

O Centro Urbano de Vila Nova de Gaia em Finais de Oitocentos

Licínio Santos, Maria de Fátima Teixeira

pág. 351

Aveiro: a cidade e a indústria na primeira metade do séc. XX

Manuel Ferreira Rodrigues

pág. 375

Políticas higienistas e de saúde pública e o seu impacto na vida económica da cidade do Porto: 1930-60

Maria da Luz Sampaio

pág. 397

O impacto da indústria dos plásticos no desenvolvimento da cidade de Leiria

Maria Elvira Callapez, Sara Marques da Cruz, Guilherme Francisco

pág. 429

O Comércio e a Evolução Espacial das Áreas Centrais das Pequenas Cidades. O caso de Portalegre

Miguel Castro

pág. 459

Transformações Sociais e económicas na cidade da Guarda com a instalação da luz elétrica

Paula Amaro, Décio R. Martins

pág. 477

Indústria têxtil: expor Guimarães ao mundo desde o século XIX

Paula R. Nogueira, Décio R. Martins, Carlos Fiolhais, Gilberto Santos

pág. 507

Guimarães, cidade industrial? Entre a memória e o esquecimento

Paula R. Nogueira, Décio R. Martins, Carlos Fiolhais, Gilberto Santos

pág. 527

Consequências da Revolução Industrial na cidade de Guimarães

Paula R. Nogueira, Décio R. Martins, Carlos Fiolhais, Gilberto Santos

pág. 553

¿De ciudad fluctuante a ciudad estable? Transformaciones y continuidades en los comportamientos residenciales en Madrid durante el primer tercio del siglo xx

Santiago de Miguel Salanova

pág. 585

El Mercado Municipal de la Praça 1º de Maio de Évora: Pasado, presente y ¿futuro?

Sheila Palomares Alarcón

Indústria têxtil: expor Guimarães ao mundo desde o século XIX

Paula R. Nogueira

Centro de Física da Universidade de Coimbra (CFisUC)

ramosnogueira@uc.pt

Décio R. Martins

Centro de Física da Universidade de Coimbra (CFisUC)

decio@uc.pt

Carlos Fiolhais

Centro de Física da Universidade de Coimbra (CFisUC)

tcarlos@teor.fis.uc.pt

Gilberto Santos

Escola Superior de Design - Instituto Politécnico do Cávado e do Ave

gsantos@ipca.pt

Resumo

As exposições universais surgiram na segunda metade do século XIX com a Grande Exposição dos Trabalhos da Indústria de Todas as Nações, realizada em Londres em 1851. Sucederam-se cinco décadas de culto ao progresso tecnológico, às inovações e demonstrações do poder industrial e económico dos países responsáveis pela Revolução Industrial.

Portugal, que enfrentava um atraso económico considerável, encontrou nas exposições mundiais um espaço de afirmação e inspiração, particularmente explorado no período da Regeneração em que o sonho do desenvolvimento contagiava os portugueses.

Embora limitadas a métodos tradicionais e manuais de produção, onde faltavam máquinas e mão-de-obra habilitada, as indústrias de Guimarães acompanharam a representação portuguesa.

Esta experiência contribuiu para que em 1884, os industriais se unissem à Sociedade Martins Sarmento para organizar a Exposição Industrial Concelhia de Guimarães.

O certame, promovido sem apoios oficiais e com recursos próprios, teve como objetivos divulgar as indústrias locais, reclamar atenção política de Lisboa e exigir a instalação de uma escola industrial na cidade.

Os industriais de Guimarães tinham compreendido o verdadeiro benefício inerente à participação nas exposições e nelas encontraram o fio condutor do progresso.

Introdução

Quando, em 1884, o historiador Alberto Sampaio se interrogou sobre a necessidade de realização de uma exposição industrial em Guimarães, a indústria têxtil local já participava em exposições mundiais há 33 anos.¹

No artigo intitulado “Resposta a uma pergunta: Convirá promover uma exposição industrial em Guimarães?” o também fundador da Sociedade Martins Sarmento, e mentor da primeira exposição industrial de Guimarães, reconheceu que havia necessidade de acompanhar o desenvolvimento das *nações modernas*, criar uma *indústria nacional*, rejuvenescer e aperfeiçoar a indústria de Guimarães e potenciar as *qualidades do operário portuguez* a quem só faltava o ensino técnico e um meio que estimulasse as *faculdades inventivas*. (Sampaio, 1884)

Os curtumes, as cutelarias e os têxteis de Guimarães percorreram a Europa e atravessaram o oceano Atlântico rumo às exposições mundiais. Sujeitos à apreciação dos júris e apesar do atraso tecnológico e das dificuldades, conquistaram prémios e distinções que certificavam a qualidade e atestavam o reconhecimento internacional.

As exposições favoreceram um contacto com a inovação tecnológica, as invenções, os cientistas, os fabricantes e os homens de negócios de todo o mundo. As comitativas nacionais, que integravam, para além dos governantes e representantes políticos, alguns industriais, jornalistas e académicos, testemunhavam no estrangeiro a dimensão do atraso tecnológico nacional. Esta experiência tornava mais imperativo do que nunca o fomento e organização de exposições nacionais, e a necessidade de estimular a industrialização em Portugal.

¹ Considerando a profusão de designações e referências às exposições – internacionais, mundiais e universais-, adotamos neste artigo a expressão genérica “exposições mundiais”

As indústrias de Guimarães participaram na primeira exposição mundial realizada em Londres no ano de 1851 e até ao final do século XIX passariam ainda por três exposições universais (em Paris e Londres), três exposições internacionais (Porto, Viena de Áustria e Filadélfia) e três exposições nacionais (Porto, Lisboa e Braga).

Por iniciativa da Sociedade Martins Sarmento realizou-se no ano de 1884, em Guimarães, a primeira Exposição Industrial concelhia portuguesa. Ao certame só foram admitidos artigos produzidos em Guimarães. Promovida sem apoios de Lisboa e com recursos privados, a Exposição Industrial de Guimarães teve como principais objetivos revelar ao país o desprezo do governo em relação à indústria da província, apresentar a capacidade industrial local, incitar os industriais para a modernização tecnológica e reclamar a criação de uma escola industrial, prometida por decreto em 1864, mas cuja implementação estava adiada há 20 anos.

O impacto nacional e mediático da exposição foi tal que teve repercussões políticas e influenciou decisões relevantes, destacando-se a instalação da tão ambicionada escola industrial. Localmente, a exposição teve o efeito impulsionador pretendido, desencadeando-se a mecanização da indústria têxtil e inaugurando-se um ciclo próspero com a criação de novas fábricas.²

No século XX a indústria de Guimarães compareceu em múltiplos certames, incluindo as feiras coloniais patrocinadas pelo Estado Novo. Mesmo na fase de declínio da indústria têxtil, nas décadas de 80 e 90, não se afastou das feiras e exposições internacionais, embora já evidenciando algum torpor.

No século XXI, a mudança de paradigma no setor orientou a representação portuguesa para exposições especializadas, em sintonia com as exigências do mercado global.³

² A Fábrica do Castanheiro (António da Costa Guimarães, Filho & C.ª) foi a primeira a introduzir teares mecânicos na oficina de tecelagem (1884) que funcionariam em pleno no ano seguinte. Das fábricas “modernas” da época destacam-se ainda a Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães (1890) e a Fábrica do Moinho do Buraco (1890).

³ Evidencia-se do roteiro de exposições internacionais a Heimtextil (Frankfurt, Alemanha) onde a indústria têxtil, sobretudo do setor de têxteis-lar, assume o grande domínio de Guimarães que corresponde a 80% do número total de expositores portugueses. Na edição de 2017 da Heimtextil participaram 49 empresas de Guimarães, num total de 80 expositores nacionais, tendo sido a primeira vez que a representação vimaranense contou com um *stand* próprio para divulgar o projeto “Guimarães Marca”. Reconhecendo a importância estratégica do setor e da indústria têxtil local, a Messe Frankfurt, entidade responsável pelo certame alemão, fez a apresentação das tendências têxteis para 2017/2018 em Guimarães. (Em www.portugaltexil.com/heimtextil-revela-tendencias-em-guimaraes/)

1. As exposições do século XIX: o progresso tecnológico e a feira de vaidades

As exposições mundiais proporcionaram uma extraordinária experiência de partilha de informação favorecendo a observação mútua do progresso tecnológico, permitindo aos expositores acompanhar a inovação e sondar oportunidades de mercado. O fascínio gerado ao longo de meio século por estes certames inspirou milhares de pessoas e motivou os países participantes a perseguir uma trajetória de industrialização.

A imprensa da época encontrou nas exposições mundiais uma fonte inesgotável de notícias com que alimentou a curiosidade do mundo. As publicações também contribuíram para facilitar negócios, reforçar poderes políticos, exaltar o colonialismo e o nacionalismo, exhibir e distinguir méritos de engenheiros, inventores, industriais e cientistas, e estabelecer, com clareza inequívoca, as diferenças entre países. Evidenciou-se o poder tecnológico, a capacidade inventiva e a superioridade dos países avançados e ricos em detrimento das limitações dos países subdesenvolvidos e pobres. Estes serviam como instrumento de escala na arena das nações.

Embora toda a configuração dos recintos expositivos apresentasse uma narrativa arquitetónica que exaltava a singularidade, a identidade e a diferença cultural, oferecendo um espaço de convivência pacífica, a aproximação das nações no cenário expositivo não se replicava na realidade, onde o fosso entre nações se acentuava cada vez mais (Plum, 1979; Souto, 2011).

O protagonismo coube quase sempre aos mesmos - Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos da América. As “locomotivas” da Revolução Industrial dispuseram dos maiores pavilhões e melhores localizações, expuseram as máquinas mais surpreendentes e aparatosas, reuniram o maior número de expositores, em todas as classes e setores, organizaram e geriram os certames, dominando em todas as frentes. A concorrência entre países era feroz, sobretudo, entre os líderes.

No mesmo sentido, as cidades anfitriãs reorganizaram-se e expandiram-se pela construção de edifícios, pavilhões, praças e avenidas, lagos e jardins, erguendo-se numa lógica de circulação que atraía os visitantes para uma deambulação contemplativa do *mundo civilizado*, em que o exotismo das culturas indígenas alternava com o silvo das máquinas a vapor, os efeitos arrebatadores da iluminação elétrica ou as demonstrações de inventos aparatosos e surpreendentes.⁴ E desta forma “por um determinado período de tempo, a cidade anfitriã era o lugar mais importante do mundo” (Krasniewicz, 2015:8).

⁴ Num dos seus apontamentos para a revista “Serões” e a propósito de uma visita à exposição de St. Louis de 1905, o jornalista português Alfredo Mesquita, descreveu assim o incrível mundo dos maquinismos em certame: “No *Palacio das Machinas*, por exemplo, tudo se movia, se emaranhava e rodopiava numa agitação incessante. Os mais poderosos motores do mundo, as mais inconcebíveis rodas de aço, os mais despropositados cilindros, os eixos mais formidáveis, os embolos mais violentos, tudo isso produzia, a um mesmo tempo, e num mesmo recinto, as mais exageradas sommas de força, unicamente com o fim de bem patentear aos olhos do visitante da Exposição a realidade das mais monstruosas funções mecânicas, que a ousadia do homem tem conseguido organizar e dirigir.” (In Serões, “O Padre Himalaya e o seu Invento”, nº 1, Julho de 1905, pp 23-27).

Os territórios do conto de fadas do progresso, onde se exibiam máquinas, invenções e descobertas magníficas e obras de arte, proporcionavam muita diversão, mas omitiam, magistralmente, o mundo sujo e miserável das fábricas que era subjacente aquele aparato tecnológico, excluindo-se do olhar das massas, as vidas pobres e exploradas do operariado (Reis, 1994).

Em síntese, há pelo menos cinco elementos que caracterizam o fenómeno massivo das exposições mundiais: contribuíram para a afirmação política e ideológica das nações (disseminação da ideologia do progresso, expressão dos nacionalismos e do colonialismo), fomentaram o comércio e o mercado (induzindo o desenvolvimento dos países), foram territórios de popularização e divulgação da ciência e dos inventos (apresentação de tecnologia, congressos científicos e académicos, reuniões e publicações de revistas, atas e catálogos), contribuíram para a cultura e educação (exposições, concursos, apresentação de modelos de ensino e partilha de experiências no terreno da formação técnica, industrial e profissional), e impulsionaram o desenvolvimento e crescimento urbanístico (expansão das cidades anfitriãs) (Mendes, 1998).

Portugal nas exposições mundiais

A representação portuguesa nas exposições foi quase sempre conduzida pelo governo do reino, mas em alguns casos, esse papel coube às corporações industriais e até à mobilização dos cidadãos. Portugal aderiu ao movimento e apresentou-se com os seus melhores⁵ na esperança de vir a acompanhar o desenvolvimento industrial que varria a Europa.

Esse esforço revelou-se nos vistosos pavilhões e nas comitivas oficiais. Cerceado por uma economia enfraquecida, desprovida de tecnologia e inovação, baseada em matérias-primas, produtos manufaturados com técnicas rudimentares e mão de obra maioritariamente analfabeta⁶, Portugal expunha-se, fatalmente, à crítica da imprensa, dos adversários

⁵ As comissões preparatórias e delegações de representação nas exposições integraram alguns vultos de referência industrial, política e académica, verdadeiras autoridades nos diferentes setores, como é o caso de João Andrade Corvo, Sebastião José Ribeiro de Sá, Joaquim Henriques Fradesso da Silveira, António Augusto de Aguiar, Rafael Bordalo Pinheiro, Rodrigo Morais Soares, Gerardo Augusto Pery, Conde de Farrobo e José Pinto Basto. Algumas destas figuras beneficiavam de reconhecimento internacional e integraram, a convite das organizações, júris de avaliação de produtos a concurso nas exposições mundiais. (in MENDES, José Amado – As exposições como «Festas da Civilização»: Portugal nas exposições internacionais (séculos. XIX – XX). *Gestão e Desenvolvimento*. (7), 1998, pp. 249-273).

⁶ A exceção acontece já no século XX, na exposição de St. Louis (1905), nos Estados Unidos da América, onde Portugal se fez representar não oficialmente. Após décadas de participações, foi a primeira vez que Portugal se apresentou com um produto verdadeiramente inovador, o pirelióforo do Padre Himalaia, cuja apresentação surpreendeu cientistas, jornalistas e industriais estrangeiros, mas que não beneficiou de muita atenção em Portugal. Os jornais americanos destacaram o invento e previram até que “a orientação industrial do mundo virá a ser inteiramente mudada, e os países até agora atrasados por falta de combustível poderão vir a ser ainda consideráveis centros industriais.” (In MESQUITA, Alfredo de - “O Padre Himalaia e o seu Invento”, in Serões, nº 1, Livraria Ferreira e Oliveira, Lda., Lisboa, Julho de 1905, pp. 23-27). O protótipo do Padre Himalaia acabou por ser copiado e aplicado no mercado estrangeiro, perdendo Portugal uma excelente oportunidade de liderar a vanguarda tecnológica e antecipar, em um século, o recurso à energia renovável solar. Para aprofundar informação sobre este inventor português sugerem-se os artigos de Luís Tirapicos, “O Domador do Sol”, *National Geographic Portugal*, edição de Julho de 2004; Jacinto Rodrigues, “A Conspiração solar do padre Himalaia - Esboço biográfico dum pioneiro da ecologia”. Porto, Cooperativa Árvore, 1999; e o documentário “A Utopia do Padre Himalaia” (2004), real. Jorge António, Portugal, LX Filmes / RTP.

políticos e até dos próprios delegados e comissários às exposições.⁷ A inexistência de uma estratégia económica e de desenvolvimento industrial, a falta de objetivos para as representações, o despesismo com as comitivas e pavilhões, a desorganização pautada por atrasos⁸ e muita burocracia⁹, por vezes prejudicada pela insistente tendência das comissões organizadoras para posicionar a exposição de Portugal no quadro de uma representação ibérica, são alguns dos aspetos negativos que se associam à participação portuguesa nos certames mundiais.

Na Exposição de Londres em 1851, por exemplo, Portugal partilhou o espaço com a Espanha, mas no catálogo oficial¹⁰ o relator Robert Ellis concedeu maior destaque ao país vizinho anotando, em relação à mostra portuguesa, que era muito rica em matérias-primas, mas evidenciava incapacidades no fabrico mecanizado.

Na transição entre os séculos XIX e XX, a proximidade entre a ciência, a técnica, a engenharia e a indústria perspetivava a continuidade do ciclo de desenvolvimento. Porém, a instabilidade política e social, as duas guerras mundiais e as transformações daí resultantes, comprometeram o sonho do progresso universal. As exposições mundiais continuaram a organizar-se, embora espaçadas no tempo, assumindo novo figurino, enquanto as exposições industriais e tecnológicas começaram a ocorrer em certames muito especializados.

As feiras e exposições industriais e agrícolas em Portugal

As primeiras mostras de produtos industriais realizadas em Portugal foram promovidas em 1775 e 1776 por iniciativa do Marquês de Pombal¹¹, cujas reformas, orientadas para a implementação de um modelo económico que fosse além da oficina familiar e da dependência da agricultura, incluíam desenvolvimento industrial e formação profissional da mão de obra (Souto, 2011).

⁷ Em "Portugal nas Exposições Universais (1851- 1900)", Maria Helena Souto cita um artigo publicado no Jornal do Commercio, N.º 3990, em 12 de fevereiro de 1867, no qual é criticado o despesismo português: "*Comissarios cremos que são inumeros; devem trazer de lá muita sabedoria, ainda que custe um pouco caro, não importa; a ordem é rica, e os frades são... muitos, o deficit é pequeno, e não ha necessidades de mais impostos para o attenuar. Vá tudo a Paris - vae o rei, vão ministros, vá o clérigo, o fidalgo, o peão; vá tudo, e vejam se nos trazem de lá, o que mais falta cá, que é juizo para nos governarmos.*"

⁸ Na exposição de Londres 1862 a comissão organizadora publicou uma nota no catálogo oficial, dando conta de um pequeno transtorno editorial com a inserção da lista de expositores porque "*Os comissários portugueses enviamam o seu catálogo ordenado alfabeticamente e de acordo com a inserção cristã dos sobrenomes, não se considerou oportuno modificar o arranjo, devido à necessidade de preservar a ordem consecutiva dos números.*" In Catálogo Oficial da Exposição de Londres, 1862, p.351.

⁹ Depois de efetuada a escolha de uma comissão geral e a designação das comissões preparatórias de Lisboa e Porto, estas seriam responsáveis pela designação das comissões distritais e locais. A convocatória, seguia para as capitais de distrito e câmaras municipais, sujeitando-se o avanço da organização ao ritmo do correio, que era lento, porque o país não dispunha de infraestruturas de comunicação, rede viária ou transportes eficientes.

¹⁰ Royal Commission (1851). *Official Descriptive and Illustrated Catalogue of the Great Exhibition of the Works of Industry of All Nations*. Part IV - Colonies - Foreign States - Division I. London: Spicer Brothers, Wholesale Stationers; W. Clowes & Sons Printers.

¹¹ Para não correr o risco de uma representação inexpressiva, como sucedera, em parte, na primeira mostra em 1775, o Marquês de Pombal intimou os industriais a participarem na segunda exposição (1776) e a indústria têxtil foi a mais representada em Oeiras. (Souto, 2011).

Nas primeiras décadas do século XIX foi criada a Sociedade Promotora da Indústria Nacional (SPIN), cujo programa passava por explorar as potencialidades económicas do país e instrução pública, procurando a emancipação nacional das importações através do fomento da indústria. A instabilidade política também não foi favorável a mudanças estruturais bem sucedidas. Durante o período do miguelismo absolutista a atividade da SPIN foi suspensa, reatando-se mais tarde com o liberalismo (Souto, 2011).

A Europa vivia o frenesim das descobertas e invenções que, aplicadas às indústrias, favoreciam um crescimento económico ímpar, mas a economia portuguesa permanecia estagnada e refém de um modelo oficial e tecnologicamente atrasado.

Em 1844 realizou-se a primeira *Exposição da Indústria Portuguesa*, muito centrada nas indústrias de Lisboa, e a organização foi replicada em 1849, já com presença das indústrias de todo o país. Antecipava-se a participação de Portugal na primeira exposição universal, a Grande Exposição dos Trabalhos da Indústria de Todas as Nações de 1851, em Londres.

Até 1900, a indústria portuguesa fez-se representar nas principais exposições mundiais, apresentando produtos do continente, Açores, Madeira e colónias.¹²

Entre 1851 e 1893 realizaram-se em Portugal diversas exposições industriais e agrícolas (Lisboa, Porto, Braga e Coimbra) e tal como sucedeu com as representações no estrangeiro, as indústrias de Guimarães, e não exclusivamente do setor têxtil, participaram nesses certames. (Tabela 1)

¹² Portugal esteve presente na Grande Exposição dos Trabalhos da Indústria de Todas as Nações (Londres, 1851), Exposição dos Produtos da Indústria de Todas as Nações (Paris, 1855), Exposição Universal de Londres (1862), Exposição Universal de Paris (1867), Exposição Universal de Viena (1873), Exposição Internacional de Filadélfia (EUA, 1876), Exposição Universal de Paris (1878), Exposição Universal Internacional de Paris (1889) e Exposição Universal de Paris (1900). As indústrias de Guimarães, com destaque para o setor dos têxteis, integraram todas as comitivas portuguesas enviadas a estas exposições. O setor participava, também, em feiras e mercados nacionais e coloniais diversos com vista à comercialização da produção linheira (linhas, fio, tecidos, bordados). Esta tradição comercial já está referenciada em trabalhos de investigação histórica que apontam para a existência de uma dinâmica comercial e internacional de Guimarães que remonta à época dos Descobrimentos (1513 a 1530).

Tabela 1. Participação dos têxteis de Guimarães nas exposições nacionais no século XIX

Ano	Exposição	Local
1857	Exposição Agrícola e Industrial Portuense	Porto
1861	Exposição Industrial do Porto	Porto
1863	Exposição Agrícola de Braga	Braga
1884	Exposição Agrícola de Lisboa	Lisboa
1884	Exposição Industrial Concelhia de Guimarães	Guimarães
1888	Exposição Industrial Portuguesa	Lisboa
1891	Exposição Industrial Portuguesa	Porto
1893	Exposição Industrial Portuguesa	Lisboa

Fontes: Armindo Cachada, “O linho no campo e na arca” (2004); Alberto Vieira Braga, “Curiosidades de Guimarães” (1927); Inquéritos industriais 1880 e 1890.

O florescimento da indústria no Norte e o crescente poder da burguesia capitalista responsável por essa tendência, contribuíram para afirmar o Porto como cidade estratégica para a economia e também em relação às exposições, mas seria Guimarães a primeira cidade portuguesa a aventurar-se com a organização de uma exposição industrial exclusivamente concelhia, acontecimento que se descreve no ponto III.

2. Guimarães nas exposições mundiais, as primeiras montras internacionais para a cidade industrial

As indústrias de Guimarães acompanharam as comitivas portuguesas nas exposições mundiais do século XIX: Londres (1851), Filadélfia (1876), Viena (1873), e Paris (1878, 1889 e 1900). Os setores dos tecidos de linho, curtumes, calçado, agricultura e cutelarias, evidenciavam-se pela conquista de prémios e diplomas concedidos pelos júris internacionais, um importante reconhecimento da qualidade dos produtos apresentados.

Essas distinções (medalhas de ouro, prata e bronze, diplomas de mérito e de honra) eram posteriormente utilizadas pelos vencedores como cartões de visita, certificando um prestígio que, na ausência de tecnologia, se traduzia em valor acrescentado para o negócio dos industriais dos países mais atrasados (Plum, 1979).

No dia 1 de maio do ano de 1851, no Hyde Park de Londres, a Rainha Vitória inaugurou a Grande Exposição dos Trabalhos da Indústria de Todas as Nações, uma proposta do Príncipe Alberto, e Comissário da Exposição, para mostrar a superioridade industrial, técnica e científica do Império Britânico. O impacto desta iniciativa inglesa foi enorme, a começar pela urbanização de toda a zona de Hyde Park, onde se destacou a construção do Palácio de Cristal.¹³

Portugal foi um dos 42 países participantes na Exposição de Londres e, apesar de ter apresentando 1299 produtos provenientes do continente, da Madeira, dos Açores e das colónias, está indicada no catálogo oficial¹⁴ como *modesta*, embora “extremamente rica em matérias-primas” (Royal Commission, 1851, p.1306) e sobressaindo os “consideráveis esforços para representar tanto quanto possível os recursos naturais do país, embora as capacidades produtivas precisem ser desenvolvidas”.¹⁵

O relator acrescentou à descrição do recinto expositivo português um comentário sobre a “tolerável” coleção de artigos em algodão, linho, seda e lã. Referia-se, certamente, a alguns produtos têxteis ali expostos pelas indústrias de Guimarães, mas também às cutelarias (tesouras de um único artífice) e à corrente de marfim apresentada pela indústria de pentes. (Tabela 2)

A notoriedade de Guimarães saíria reforçada neste certame porque no segmento das belas artes o artista José Pedro Monteiro apresentou duas litografias da coleção “Paisagens e Monumentos de Portugal” que representavam os dois emblemas da cidade - o Castelo e a Igreja da Colegiada.¹⁶

¹³ O Palácio de Cristal (de Londres), destruído por um incêndio em 1935, inspirou a construção do Palácio de Cristal do Porto, onde se realizou a Exposição Industrial Portuguesa em 1861. O rei D. Pedro V, entusiasta dos progressos científicos, tecnológicos e industriais, lançou a primeira pedra da construção no Campo da Torre da Marca. O Palácio de Cristal (portuense) foi demolido em 1951 para dar lugar ao Pavilhão dos Desportos, hoje Pavilhão Rosa Mota.

¹⁴ O catálogo da Exposição de Londres é um documento histórico muito rico em informação e a sua elaboração contou com revisão científica. Todos os pormenores sobre planeamento, construção, organização e realização da exposição estão descritos em cinco volumes que contemplam descrições técnicas, distribuição de expositores (das diferentes classes, destacando-se os capítulos dedicados à maquinaria e inventos), volumes dedicados às colónias e estados estrangeiros com índices, balanços estatísticos e demonstração de recursos técnicos e financeiros.

¹⁵ Tradução nossa

¹⁶ “*The cathedral of Guimaraens*” (“A Sé de Guimarães”) - Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira (peça n.º 1238) e “*The castle of the town of Guimaraens, province of Minho*” (O Castelo de Guimarães, província do Minho) - Castelo de Guimarães (peça n.º 1239), conforme referência no catálogo oficial.

Tabela 2. Expositores de Guimarães na Great Exhibition of the Work of Industry of All Nations (Londres, 1851)

Número	Fabricante	Descrição no catálogo	Setor
634	Manoel José da Silva Cerqueira	Tesouras	Cutelarias
679	n.d.	Pano de linho fino	Têxtil
721	Fábrica de Fiação e Tecidos	Fio de algodão não branqueado	Têxtil
722	Fábrica de Fiação e Tecidos	Fio de algodão branqueado	Têxtil
1165	n.d.	Caixa de fios finos	Têxtil
1166	n.d.	Caixa de fios finos	Têxtil
1167	n.d.	Madeiras de linha fina	Têxtil
1168	n.d.	Árvore em linha fina	Têxtil
1236	n.d.	Corrente de marfim	Pentes

Fonte: Catálogo Oficial da Grande Exposição dos Trabalhos da Indústria de Todas as Nações, Londres 1851, Vol. IV.

Seguiu-se em 1855 a *Exposition des produits de l'industrie de toutes les nations*¹⁷, em Paris. Portugal¹⁸ participou expondo 443 produtos que foram distribuídos por 26 classes. Guimarães integrou a comitiva com duas representações da indústria de curtumes e cutelarias, uma presença menos significativa em relação à mostra de Londres quatro anos antes.

Tabela 3. Expositores de Guimarães na Exposition des produits de l'industrie de toutes les nations (Paris 1855)

Número	Fabricante / Autor	Descrição no catálogo	Setor
212	Ch. F. da Silva	Couro branco e pele de bezerro curtida branca	10.ª Classe
304	Em. J. d'Oliveira	Tesouras	15.ª Classe

Fonte: *Catalogue Officiel: Exposition des Produits de L'Industrie de Toutes les Nations 1855*. 2ª ed. Paris: E. Panis Éditeur. pp. 513-523

¹⁷ A exposição esteve aberta ao público de 15 de maio a 15 de novembro de 1855, ocupou uma área de 80 mil metros quadrados, recebeu cinco milhões de visitantes, contou com 20.839 expositores e o resultado final ascendeu a 8,3 milhões de francos.

¹⁸ O Ministro de Estado, António José de Ávila (Duque d'Ávila), foi nomeado comissário régio junto da Exposição Universal de Paris, representou o reino no congresso de estatística que se realizou paralelamente e obteve para Portugal três posições de voto no conselho da exposição João de Andrade Corvo, foi júri na secção de agricultura e indústria (2.ª classe), José Maria da Ponte e Horta na secção de agricultura e indústria (4.ª classe) e Júlio Máximo de Oliveira Pimentel foi júri na secção de agricultura e indústria (10.ª classe, 3.º grupo).

Em 1862, os jardins de *Kesington*, em Londres, acolheram a *The International of 1862* também designada *Great London Exposition*.¹⁹ Nesta montra compararam-se os avanços tecnológicos em relação à exposição de 1851.

Apesar das diferenças abissais que separavam a indústria nacional da estrangeira, na circular oficial, também enviada à Câmara de Guimarães pela comissão portuguesa, dissimulava-se a produção artesanal e o atraso tecnológico com o argumento de que uma participação *numerosa*, expressiva na quantidade de produtos, baratos e fáceis de produzir, teria lugar honroso e reconhecimento:

“ (...) muitos ainda pensam erradamente que [a] uma exposição d’aquella ordem só devem ser mandados objectos raros quando ao contrario devem ir todos, mesmo os mais comuns, uma vez que sejam susceptíveis de dar ideia do verdadeiro estado da produção normal do paiz; ainda porque os generos muito communs n’um paiz são muito raros em relação a outros ou mesmo notaveis entre os similares pela sua barateza e facilidade de produção.”

In *Carta circular da Comissão Portuguesa (1862)*,
7 de agosto, 1861. AMAP, Guimarães

A representação portuguesa expôs 1363 produtos. Os estrangeiros apresentaram invenções notáveis como o telégrafo elétrico, os cabos submarinos, a *parkesine*²⁰, os teares mecânicos melhorados, aparelhos de precisão, uma máquina de fabricar gelo e a famosa máquina analítica de Charles Babbage (pioneiro da ciência de computação). Nas vitrinas de Guimarães (Tabela 4) exibiam-se tamancos e produtos agrícolas, e, efetivamente, o número de expositores era maior comparado com outros certames.

¹⁹ Esta feira mundial realizada de 1 de maio a 1 de novembro de 1862. Promovida pela Royal Society of Arts, Manufactures and Trade, contou com a participação de 36 países e envolveu mais de 28 mil expositores, representados nas artes, tecnologia, indústria e agricultura. Recebeu 6,1 milhões de visitantes e apresentou um resultado final de 459,632 libras. A inauguração da Great London Exhibition coincidiu com o período de luto pela morte do Príncipe Alberto, um dos maiores entusiastas das exposições industriais.

²⁰ Chama-se *parkesine* ao primeiro material plástico produzido pelo homem. Alexander Parkes foi o inventor deste celulóide, uma versão sintética do marfim, apresentada publicamente, e pela primeira vez, durante a Exposição Internacional de Londres de 1862.

Tabela 4. Expositores de Guimarães na Exposição Internacional de Londres (1862)

Número	Fabricante / Autor	Descrição no catálogo	Setor
323	H.C. de Macedo	Milho, feijão francês e vinho	Produtos agrícolas
356	J. de Castro Sampaio	Feijão francês	Idem
378	R. de Oliveira Cabeças	Farinha	Idem
480	J.J. da Costa	Vinagre e ervilhas	Idem
603	M.J. Ferreira da Silva Guimarães	Tremoços, feijão francês e milho	Idem
620	M. dos Prazeres e Silva	Feijão francês e castanhas	Idem
646	Ordem de S. Domingos	Frutas conservadas	Idem
648	(Ordem) N. de Santa Rosa de Guimarães	Frutas conservadas	Idem
725	Conde de Arrochela	Madeira e cortiça	Produtos florestais
766	J.J. da Costa	Linhaça	Idem
794	M.J. Ferreira da Silva Guimarães	Linho	Idem
802	P.L. Guimarães	Seda	Idem
855	F.J. de Oliveira	Linha de costura	Algodão, linho, lã
1164	Conde de Arrochela	Feijão francês, trigo, cevada, nozes	Produtos agrícolas
1203	L.P. de Castro	Centeio, milho e azeite	Idem
1209	M.J. Ferreira da Silva Guimarães	Bolotas	Idem
1216	M. dos Prazeres e Silva	Castanhas	Idem
1266	M. da C. do Amaral	Madeira	Produtos florestais

Fonte: *Catálogo Oficial do Departamento de Belas Artes da Exposição Internacional*,
Londres: Truscott, (1862)

Em 1865, a Associação Industrial Portuense realizou a Grande Exposição Internacional do Porto, a primeira exposição internacional da Península Ibérica e a única do género a acontecer em Portugal. Para acolher o certame foi construído o Palácio de Cristal.²¹ A representação de Guimarães sobressaiu pela diversidade (Tabela 5).

²¹ A Grande Exposição Internacional do Porto foi inaugurada pelo rei D. Luis em 18 de setembro de 1865 e esteve patente ao público até janeiro de 1866. O Palácio de Cristal, uma obra de arquitetura assinada pelo inglês Thomas Dillen Jones, construída em "pedra, ferro e chrysal" acabou por ser demolido 86 anos depois (1951) e em seu lugar foi construído um pavilhão de desportos (hoje Pavilhão Rosa Mota). O anúncio oficial da exposição foi lançado em 21 de novembro de 1864 tendo participado expositores em representação da França (499 expositores), Alemanha (265), Reino Unido (107), Bélgica (89), Brasil (62), Espanha (24), Dinamarca (16) e representantes da Irlanda, Itália, Holanda, Suíça, Rússia, Áustria, Turquia, Estados Unidos da América e Japão. A exposição foi organizada em quatro divisões (matérias-primas, máquinas, produtos manufaturados e belas artes) e 45 classes. (In *Catálogo Oficial da Exposição Internacional do Porto em 1865*. Porto: Typographia do Commercio).

Tabela 5. Expositores de Guimarães na Grande Exposição Internacional do Porto (1865)

Número	Fabricante	Descrição no catálogo	Setor
4	Fundição de Vizela	Ferro fundido	Matérias primas
211	Conde de Villa Pouca	Vinho	Vinhos
701	Conde de Villa Pouca	Meadas de seda	Matérias primas
901	Fábrica de Fiação do Rio Vizela	Fio de algodão	Fios e tecidos
1042	Christovão José Fernandes da Silva	Peles de vitela	Curtumes
1149	Ribeiro & C.ª, Fábrica de Vizela	Papel	Papel e tipografia
1192	João Francisco da Silva	Toalhas	Mobília e decorações
1271	Joaquim Mendes da Silva Cerqueira	Objetos de cutelaria	Cutelarias

Fonte: *Catálogo Oficial da Grande Exposição Internacional do Porto (1865)*

Portugal seguiu depois para a Exposição Universal de Arte e Indústria de 1867.²² Paris acolhia a festa das nações pela segunda vez. Tudo indica que os produtos de Guimarães surgissem integrados na representação da Comissão Distrital de Braga²³ uma vez que não há referências a expositores vimaranenses no catálogo oficial, mas aos “tecidos de linho” do distrito.

No entanto, seria a deslocação de um vimaranense a Paris o aspeto mais relevante naquele ano. Acompanhado pelo amigo, Antero de Quental, o jovem Alberto Sampaio chegou a Paris em julho de 1867. Na carta que enviou ao irmão José Sampaio, refere: “Já fui à Exposição, e creio que não voltarei lá. Vou ocupar-me agora em ver museus e galerias, etc., que são as coisas que me interessam mais.” (Nóvoa, 2012:136). Na mesma carta, descreveu assim a experiência de visita ao *Champs de Mars*:

“Nada nos ensina tanto como esta dolorosa passagem através de multidões desconhecidas e indiferentes. Vendo-se os sítios, os acontecimentos humanos deixam de ser coisas abstractas para se colocarem numa paisagem mais positiva, e a gente sendo obrigada a concentrar-se mais em si, vê melhor o que é ou o de que serve.”

(Nóvoa, 2012:135)

²² A *Exposition Universelle de 1867* em Paris, esteve patente de 1 de abril a 30 de novembro de 1867 (217 dias), contou com 52.000 expositores (cerca de 16 mil eram franceses) e entre 11 e 15 milhões de visitantes. O palácio “Omnibus”, uma estrutura oval gigantesca, destacou-se no Campo de Março. As representações dos países estrangeiros dispersaram-se em redor, no exterior, em pequenos edifícios construídos para o efeito e à dimensão de cada representação. Portugal apresentou-se com 252 de produtos (167 do continente e 85 das colónias). In *Catalogue général: exposition Universelle de 1867 à Paris. Oeuvres d'art: Groupe I, Classes 1 à 5*, Volume 1. Paris: Dentu (1867), pp 164-171.

²³ Idem.

Decorreriam 17 anos até Alberto Sampaio se tornar o grande impulsionador da Exposição Industrial de Guimarães e o motor crítico que conduziu a sociedade vimaranense da sua época na direção do desenvolvimento, reclamando para a indústria local os benefícios do progresso tecnológico da sua época.

Em 1873 tinha lugar em Viena a única exposição universal realizada na capital do império austro-húngaro. A *Weltausstellung Wien*²⁴ apresentou como tema a “Cultura e educação” mas a sua organização não correspondeu às expectativas e a crítica foi pouco favorável. O próprio comissário português, Fradesso da Silveira, considerou nos seus relatórios que a exposição de Viena foi incapaz de apresentar os avanços da economia dos povos como sucedera nas exposições anteriores (Carvalhos, 2015).

Os dois observadores enviados pelos Estados Unidos da América para acompanharem o desenvolvimento da exposição, W.P. Blake e Henry Pettit²⁵, não partilhavam o pessimismo e a apreciação que fizeram à exposição austríaca até foi positiva.²⁶

Portugal ocupou um espaço próprio com 519 metros quadrados e conteve-se nas despesas. Os produtos portugueses distribuíram-se pelo Palácio da Indústria, Pavilhões Agrícola e do Comércio Universal e em três anexos.²⁷ Pelo menos um expositor de Guimarães, António da Costa Guimarães, Filho & C.^a, apresentou em Viena uma coleção de tecidos de algodão e linho, produzidos em teares manuais, e que acabariam distinguidos com uma medalha de mérito.²⁸

Em 1876 a atenção do mundo transferiu-se para Filadélfia, nos Estados Unidos da América. O presidente americano, Ulysses Grant, e o Imperador do Brasil, D. Pedro II, acionaram juntos a alavanca da *Corliss*, uma grandiosa máquina a vapor com 1400 cavalos vapor de potência, capaz de abastecer todas as máquinas patentes na exposição. Assinalaram, assim, a abertura da *Centennial Exhibition of Philadelphia*, comemorativa do primeiro centenário da independência norte americana.

²⁴ As portas do parque Prater e do edifício “Rotunde” abriram ao público em 1 de maio de 1873, e a Áustria entrava na lista de cidades anfitriãs das exposições, sucedendo a Paris e antecedendo a exposição de Filadélfia, nos Estados Unidos da América. Com 2.300 metros quadrados de espaço expositivo Viena recebeu representações de 35 países diferentes e cerca de 53 mil expositores. A exposição encerrou a 2 de novembro de 1873. (In *Reports on the Filadélfia, EUA. (Idem) Vienna Universal Exhibition 1873 made to the U.S. Centennial Commission, by W.P. Blake, Henry Pettit*)

²⁵ Estes comissários produziram relatórios minuciosos que seriam muito úteis ao planeamento da *Centennial Exhibition* a realizar em 1876 na cidade de Filadélfia, EUA. (Idem)

²⁶ “A Exposição Mundial de Viena foi uma mistura impressionante de inovação técnica, cultura, produtos e entretenimento. O salão das máquinas foi muito popular entre os visitantes: as máquinas mais modernas do mundo foram exibidas em funcionamento em numa área de exposição de 40 mil metros quadrados.” (Ibidem).

²⁷ Os pavilhões de Portugal e as exposições universais”, Isabel Maria dos Carvalhos, Universidade de Coimbra, 2006 - Mestrado em História da Arte Seminário: “Arte e celebração: o efémero e o durável” Docente: Prof. Doutora Regina Anacleto, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

²⁸ O programa geral da Exposição Universal de Viena de 1873 considerou a atribuição de cinco categorias de medalhas: Belas Artes, Bom Gosto, Progresso, Colaboração e Mérito. A Medalha de Mérito destinava-se a expositores que apresentassem produtos de excelência e perfeição, do ponto de vista dos materiais utilizados e da mão-de-obra aplicada, conjugados com o emprego de ferramentas e máquinas, baixo custo de produção e abertura a novos mercados (in *Reports on the Vienna Universal Exhibition 1873 made to the U.S. Centennial Commission, by W.P. Blake, Henry Pettit*). Uma destas medalhas foi atribuída ao industrial António da Costa Guimarães, pelo júri do Grupo V (têxteis e vestuário), presidido pela Áustria com vice-presidência da Bélgica da Alemanha (AMAP: Fundo histórico da Fábrica do Castanheiro).

Enquanto no Pavilhão das Máquinas os visitantes se deslumbravam com a torre de seis metros da *Corliss*, na galeria central, entre as áreas norte e nordeste, perfilavam-se nas vitrinas das salas 45 e 46 os tecidos de linho, os tamancos, os pentes de osso, os freios e estribos artesanais de Guimarães (Tabela 6). O governo português²⁹ apelou e os industriais de Guimarães não faltaram à chamada, enviando para os Estados Unidos aquilo que de melhor tinham. Mais uma vez, voltaram com prémios e distinções.

Tabela 6 . Expositores de Guimarães na *Centennial Exhibition* de Filadélfia (EUA, 1876)

Número	Fabricante	Descrição do catálogo	Setor
150	António da Costa Guimarães	Tecidos de linho	Têxteis
152	Manuel M. R. Guimarães	Tecidos de linho	Têxteis
283	Joaquim José Carvalho	Tamancos e chinelos	Calçado
325	Augusto Mendes da Cunha	Pentes de osso	“Fancy goods”
365	Augusto Mendes da Cunha	Facas e tesouras	Cutelarias
366	Joaquim M. de S. Guimarães	Facas e tesouras	Idem
405	Augusto Mendes da Cunha	Freios, rédeas e esporas	Carruagens e acessórios
407	Manuel Carvalho	Freios, esporas e estribos	Idem
408	José Carvalho Guimarães	Freios e esporas	Idem
411	J. Baptista da Silva	Freios	Idem

Fonte: Catálogo oficial, *Centennial Exhibition. Philadelphia: United States Centennial Commission, (1876)*

De regresso à Europa, e pela terceira vez em Paris, a Exposição Universal de 1878³⁰ teve como tema “Agricultura, Artes e Indústria” com o objetivo de demonstrar a recuperação

²⁹ A representação portuguesa envolveu 413 produtos e expositores e instalou-se no *Portugal Government Building*. Mesmo sem o poder tecnológico de outros países europeus, Portugal beneficiava de boa reputação, por isso, três comissários portugueses foram destacados para o júri internacional. Foram eles M. Jayme Batalha Reis (Grupo IV, Produtos animais e vegetais, maquinismos para sua preparação), M. Rodrigues de Vasconcellos (Grupo V, Madeira, madeira talhada, florestas) e Lourenço Malheiro (Grupo XXVI, Arquitectura e engenharia). A *Centennial Exhibition* foi visitada por 10 milhões de pessoas. (In *Official catalogue by Centennial Exhibition*. Philadelphia: United States Centennial Commission, 1876)

³⁰ Aberta ao público entre 1 de maio e 31 de outubro de 1878, a Exposição Universal de Paris foi visitada por 16 milhões de pessoas. Participaram no certame 36 países, representados por 52.775 expositores que ocuparam uma área de 76 hectares. O comité de organização de Lisboa foi presidido pelo rei D. Fernando e dirigido pelo Ministro do Trabalho e incluía 33 pessoas entre secretários, conselheiros, comissários, adjuntos. O catálogo da secção portuguesa reuniu, para além da informação relativa aos expositores, uma descrição geográfica do reino (contemplando dados sobre a sua geologia, orografia, hidrologia e meteorologia), acompanhada de um breve relatório sobre a divisão política e administrativa, atividades económicas (agricultura, indústria manufatureira e extrativa), comércio, igreja, organização militar, finanças, transportes e vias de comunicação, instrução pública, instituições científicas e académicas. No relatório descritivo de Portugal, escrito em francês, é possível recolher informação sistematizada e estatísticas referentes ao período entre 1870 e 1878. (In *Catalogue Spécial de la Section Portugaise à L'Exposition Universelle de Paris en 1878*, Paris: Imprimerie Typographique de A. Pougin).

económica da França, após a crise resultante da derrota na guerra franco-prussiana de 1870. A apresentação do busto da estátua da Liberdade, oferecida por Paris aos Estados Unidos e prestes a seguir viagem para Nova Iorque, foi um dos principais acontecimentos.

Guimarães acumulava experiência e regularidade nas exposições, Paris não foi excepção, sobretudo para expositores como António da Costa Guimarães, Manuel Mendes Ribeiro e Augusto M. Cunha (Tabela 7). Três fabricantes vimaranenses receberam prémios, destacando-se a medalha de prata atribuída aos curtumes de António Peixoto de Mattos Chaves. (Tabela 8).

Tabela 7. Expositores de Guimarães presentes na Exposição Universal de Paris 1878

Número	Fabricante	Descrição no catálogo	Setor
64	Augusto Menezes da Cunha	Diversos produtos de cutelaria	Cutelarias
40	António da Costa Guimarães	Tecidos de algodão e linho	Tecidos
41	Manuel Mendes Ribeiro Guimarães	Toalhas e guardanapos	idem
46	José C. Nogueira e Sousa	Toalhas de linho bordadas	idem
141	António da Costa Guimarães	Bordados em linho	Tecidos e bordados
156	António da Costa Guimarães	Meias de linho	Tecidos - vestuário
176	Comissão Industrial do Porto	Calçado	Acessórios - calçado
313	António P. de Mattos Chaves	Peles curtidas	Curtumes
326	Christovão J. F. da Silva	Peles preparadas	Curtumes

Fonte: *Catalogue Spécial de la Section Portugaise L'Exposition Universelle de Paris en 1878*. Paris: Typ.A.Pouglin. Biblioteca Nacional de Portugal

Tabela 8. Industriais de Guimarães premiados na Exposição Universal de Paris 1878

Nome	Distinção	Tipologia	Produtos
Manuel Mendes Ribeiro Guimarães	Menção Honrosa	Tecidos	Toalhas e guardanapos em linho
António da Costa Guimarães	Menção Honrosa	Rendas e bordados	Bordados em linho
António Peixoto de Mattos Chaves	Medalha de prata	Curtumes	Peles curtidas

Fonte: *Exposition Universelle Internationale de 1878 à Paris. Catalogue Officiel. Liste des Récompenses*. Paris: Imprimerie Nationale

Portugal não quis ficar excluído do grupo de nações promotoras de exposições e em 1879 organizou a Exposição Portuguesa no Rio de Janeiro³¹ para apresentar os produtos do continente e das colónias, numa operação em que família real se empenhou, mas sem evitar as críticas da imprensa, nem os sobressaltos de organização.

Foram constituídos júris de admissão nas capitais de distrito e comissões locais³² e as indústrias de Guimarães enviaram para o Brasil os seus produtos (Tabela 9), um mercado que lhes era particularmente familiar e para onde exportavam as suas mercadorias.

Tabela 9. Industriais e produtos de Guimarães premiados na Exposição Portuguesa do Rio de Janeiro 1879

Nome	Distinção	Tipologia	Produtos
António da Costa Guimarães	Diploma e medalha de ouro	Grupo III	Tecidos de linho
Augusto Mendes da Cunha	Diploma e medalha de ouro	Grupo IV	Cutelaria e ferragens
M. Mendes Ribeiro Guimarães	Diploma e medalha de prata	Grupo III	Tecidos de linho
António Peixoto Mattos Chaves	Diploma e medalha de prata	Grupo IV	Curtumes
António Chrisóstomo da Silva	Diploma de Menção Honrosa	Grupo III	Toalhas de crivo

Fonte: *Revista da Exposição Portuguesa no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mateus, Costa & C.ª. 1879

Em 1889, completando-se um século sobre a Revolução Francesa, Paris promove uma Exposição Universal³³ para celebrar o centenário republicano e as nações foram convocadas. Excetuando a Suíça, nenhum estado monárquico europeu se fez representar oficialmente, Portugal incluído. Mas, graças à iniciativa de um grupo de portugueses residentes em Paris, foi promovida uma subscrição e estabelecida uma comissão para construir, em Quay

³¹ A Exposição Portuguesa no Rio de Janeiro realizou-se no Palácio da Typografia Nacional, entre 1 de julho e 30 de setembro de 1879. Luciano Cordeiro dirigiu a exposição que contemplou a distribuição dos produtos por seis grupos, expostos em salas dedicadas a personalidades como D. Manuel, D. João V, os Braganças, Marquês de Pombal, D. Pedro V, Mouzinho da Silveira (a sala dos produtos têxteis), Luis de Camões, Marcos Portugal e D. Dinis. A exposição contou com o registo de um invento português (um cebo impermeabilizante) e a atribuição da alforria a um escravo que colaborou na preparação e montagem das salas. Os portugueses que ali trabalharam fizeram uma subscrição e compraram-lhe a carta da liberdade, que foi entregue em cerimónia realizada durante a exposição. O Imperador visitou por quatro vezes o certame, levando consigo um séquito de brasileiros e estrangeiros, mas os portugueses residentes no Rio de Janeiro (cerca de 60 mil) ignoraram por completo o evento. In *Revista da Exposição Portuguesa no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mateus, Costa & C.ª. 1879.

³² Em Guimarães foram designados o barão de Pombeiro, Antonio Mendes da Cunha, Antonio Mendes Ribeiro, José da Costa Nogueira e Sousa, José Ferreira de Abreu e José Ribeiro Martins da Costa.

³³ Esta foi a exposição universal que coroou a Torre Eiffel como emblema da engenharia e da indústria, e ficou para a história pela esmagadora dimensão do Palácio das Máquinas, pelo brilhantismo dos fonógrafos de Thomas Edison, pelo reforço da divisa republicana *Liberté, Égalité, Fraternité* e pela chegada da *Art Nouveau*.

d'Orsay³⁴ ao Campo de Marte, o *Palais du Portugal*. Os apelos à participação das indústrias surgiram de toda a parte, houvesse, ou não, apoio oficial. Em Guimarães a imprensa foi categórica: “Portugal deve representar-se brilhantemente n’esse certamen industrial, e Guimarães deve dar um bom contingente para essa gloria nacional. Desenganemo-nos: as industrias vimaranenses não devem oxidar-se ou deteriorar-se nas estantes dos fabricantes ou dos negociantes, mas sim nas exposições.”³⁵

Até à inauguração, foram publicados inúmeros artigos e anúncios na imprensa de Guimarães, divulgando tudo o que estava a passar-se em Paris – desde a construção do pavilhão aos descontos nos fretes (de 50 por cento) que as companhias de caminhos de ferro de Espanha e de França ofereciam aos industriais que desejassem concorrer a Paris.³⁶ O jornal *O Commercio de Guimarães* contava com a colaboração de um correspondente, o Dr. J. P. Nolasco, que enviava as suas crónicas semanais detalhando o aparato protocolar, o quotidiano na exposição parisiense e acrescentando interessantes apontamentos sobre a representação de Guimarães (Tabela 10):

“Em uma das secções da exposição destacam-se os excellentes e afamados tecidos de linhos de Guimarães, occupando um logar muitissimo distinto os da casa António da Costa Guimarães, Filho & C.ª. Os parisienses teem apreciado muito esta secção, e realmente é digna de ser visitada. Essa cidade deve orgulhar-se pela representação que tem na exposição, embora muito limitada:”

In “Carta de Pariz”, J.P. Nolasco, jornal *O Comércio de Guimarães*,
V ano, n.º 479, de 25 de julho de 1889

³⁴ A Exposição Universal de Paris de 1889 decorreu entre 6 de maio e 31 de outubro, estendendo-se por 96 hectares nas margens do rio Sena (In *Exposition Universelle Internationale de 1889 à Paris. Catalogue Général Officiel. Tome III et IV. Lille: Imprimeria L.Dane*). O pavilhão português, construído em madeira, com cobertura em pano pintado, dispunha de 16 salas, mas Portugal só ocupou cinco. (In REIS, Patrícia. (1994). *Exposições Universais - Paris 1889*. Lisboa: Expo 98)

³⁵ In “A Exposição Universal de Pariz”, *O Commercio de Guimarães*. V ano, n.º 393, de 27 de agosto de 1888. Hemeroteca da Sociedade Martins Sarmento.

³⁶ Idem.

Contagiados, ou não, pelos relatos do cronista, muitos vimaranenses (industriais, capitalistas, juizes, professores e até os dois comandantes dos bombeiros), deslocaram-se a Paris e as suas viagens foram noticiadas como um acontecimento.³⁷

Tabela 10. Expositores de Guimarães presentes e premiados na Exposição Universal Internacional de Paris 1889

Número	Fabricante	Produtos	Prémios
3	António da C. Guimarães, Filho & C. ^a	Fios e tecidos de linho	Medalha de prata e menção honrosa
n.d	Joquim Martins d'Oliveira Costa	Tecidos de linho	Medalha de bronze e menção honrosa

Fontes: *Exposition Universelle Internationale de 1889 à Paris. Catalogue Général Officiel. Tome III et IV. Lille: Imprimeria L.Danel*; *O Comércio de Guimarães*, V ano, n.º 481, de 1 de agosto de 1889.

Em 1900, Paris e a sua Exposição Universal agitavam de novo os salões e as conversas de final do século. A participação de Portugal foi decidida tardiamente³⁸ mas concretizou-se. Nos meses que antecederam a partida dos produtos de Guimarães para França, a Sociedade Martins Sarmento promoveu uma exposição de pentes da Fábrica a Vapor da Madroa, do industrial Francisco Dias de Castro, que acabava de receber uma medalha de prata na exposição do Palácio de Cristal, no Porto. Ele seria um dos industriais de Guimarães representados no *Pavillion Portugais*³⁹ e, deste modo, os vimaranenses que não se deslocassem a Paris teriam oportunidade de admirar localmente os produtos.

³⁷ "O grande certamen, que já despertou a emulação da Inglaterra, e com o que a França festeja o centenário republicano, chama á capital da França um numero enorme de forasteiros. D'esta cidade parece que irão os srs. dr. Eduardo José de Carvalho, António Augusto da Silva Caldas, Joaquim Ignacio d'Abreu Vieira, Francisco Ribeiro Martins da Costa, José Martins Minotes". (In *O Commercio de Guimarães*, VI Ano, n.º 471, 20 de junho de 1889). As deslocações dos vimaranenses abastados para a "grande capital do mundo civilizado" marcaram o verão de 1889: ao primeiro grupo de viajantes sucederam-se o juiz da Relação, João Vasco Ferreira Leão, José Correia de Mattos e a esposa, o professor da escola industrial, Augusto Mattos Chaves, que também fez uma incursão por Berlin e Áustria, e os comandantes dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, Simão Costa (sócio da Fábrica do Castanheiro) e António Caldas. (In *O Comércio de Guimarães*, edições dos meses de agosto, setembro e outubro de 1889).

³⁸ Refere-se no texto de apresentação de Portugal, publicado no anexo ao catálogo geral: "La section portugaise est une des plus intéressantes de l'Exposition Universelle de 1900, Sous une apparence modeste, parfaitement d'accord avec les recente difficultés financières que le Portugal a éprouvées dernièrement (...) [et] après maintes hesitations justifiées par les difficultés auxquelles nous avons fait allusion, le Portugal s'est décidé un peu tard à prendre part au concours universel des peuples." In *Notice concernant le Portugal, A L'Exposition Universelle de 1900, Volume annex du Catalogue Général Officiel*.

³⁹ Sobre esta participação noticiou o jornal *O Comércio de Guimarães*: "Tem sido extraordinariamente visitada n'esta importante e benemerita Sociedade a exposição dos productos que o proprietario da fábrica de pentes a vapor da Madroa, snr Francisco Dias de Castro destina à Exposição de Paris de 1900, sendo digno dos maiores elogios pela variedade e perfeição do fabrico que expõe e pela forma como procura desenvolver n'esta cidade aquella industria. Affirma o que dizemos a medalha de prata que lhe foi conferida na última exposição do Palacio de Chrystal do Porto. A exposição pode ser visitada desde as 11 horas da manhã às 2 da tarde e das 6 às 7 1/2." (In *Jornal O Comércio de Guimarães*, XVI Ano, n.º 1404, 18 de julho de 1899)

3. A Exposição Industrial concelhia de Guimarães de 1884

Não surpreende que Guimarães tenha sido a única cidade portuguesa a organizar uma Exposição Industrial concelhia. A experiência acumulada ao longo de 33 anos pelas suas indústrias com as representações de Portugal nas exposições mundiais, ajuda a explicar a iniciativa. Mas o principal motivo que levou à organização da Exposição prendeu-se com a ameaça que repousava sobre as indústrias, a estagnação e o atraso tecnológico impeditivo de um avanço. Debatia-se em Guimarães que uma exposição industrial concelhia poderia acrescentar em entusiasmo o que faltava em maquinismos, ensino profissional e capital. A publicação do artigo “Resposta a uma pergunta: Convirá promover uma exposição industrial em Guimarães?” de Alberto Sampaio, arremessou para o charco do comodismo e da inércia uma advertência: ou os industriais se uniam e expunham os seus produtos disponibilizando-se para a mudança de paradigma, ou a economia da cidade estava condenada a morrer.⁴⁰

A 1 de fevereiro de 1884 os industriais e negociantes de Guimarães reuniram-se em assembleia e decidiram avançar com a realização da exposição industrial. Designaram os membros da comissão organizadora e Alberto Sampaio ficou incumbido de redigir o regulamento. O documento, compaginado com os modelos adotados nas exposições mundiais, ficou pronto em curto tempo. Iniciaram-se, imediatamente, as convocatórias.

Na véspera da inauguração contavam-se 170 expositores distribuídos por seis grupos e três pisos do Palácio Vila Flor, cedido gratuitamente pelo diretor dos caminhos de ferro, Soares Veloso. Os têxteis, as cutelarias e os curtumes evidenciaram-se, e o sinal de vitalidade e mobilização em torno da exposição foi surpreendente, contrapondo-se ao estado da indústria “limitada a um mecanismo antigo e por assim dizer primário” (Sampaio, 1884).

O acontecimento era de tal ordem relevante para a vida da cidade que a imprensa local ultrapassou divergências e publicou uma folha única, *A Industria Vimaranesense*, comemorativa da Exposição. No artigo introdutório, Alberto Sampaio lembrou as razões subjacentes à organização do certame: a indústria local precisava mecanizar-se⁴¹, era imperativo instalar a escola industrial e Lisboa tinha de reconsiderar o abandono a que votava Guimarães e as suas indústrias.⁴²

⁴⁰ “Uma exposição em Guimarães não só é conveniente, mas impõe-se como uma necessidade, se a considerarmos como o primeiro passo para o rejuvenescimento e aperfeiçoamento tanto das suas antigas indústrias como das que têm sido introduzidas n’estes ultimos quarenta annos. Esta necessidade accentua-se tanto mais se se attender á sua variedade, á localisação dispersa por toda a área do concelho e á apathia de que estão soffrendo muitas d’ellas. Reunidas, postas em face umas e outras, vêr-se-há mais claramente, d’uma maneira palpavel e irrefutavel, a grande importancia que o trabalho fabril occupa no regimen economico do concelho, e como o seu desaparecimento se traduziria por uma verdadeira desgraça para a população que o habita.” (In Revista de Guimarães, pp 33-34)

⁴¹ “Tendo a mechanica moderna, auxiliada por enormes capitaes, revolucionado a industria fabril em todos os paises civilizados do mundo, a nossa tem continuado a viver aqui humildemente com os seus velhos instrumentos de produção, procurando somente na habilidade manual a perfeição e barateza que alias lhe devia ser dada economicamente por machinas e ferramentas aperfeçoadas.” (In Alberto Sampaio, “A Industria Vimaranesense, Folha Única”, 1884)

⁴² “A falta de instruccao technica, a aprendizagem imperfeita e não regulada, a indifferença dos poderes publicos, a carencia de capitaes e instrumentos aperfeçoados, vão operando dia e noite uma solução desgraçada”. (Idem)

Ainda que “o silvo da locomotiva” assinalasse a chegada do progresso a Guimarães, e a exposição se adivinhasse um êxito, tal não bastava para resolver os (graves) problemas que a economia local enfrentava. Foi necessário mover influências e o poder das representações em Lisboa. O papel da Sociedade Martins Sarmento na condução de toda a estratégia foi determinante para o desfecho obtido:

“A nossa exposição prende-se a uma serie de empreendimentos intimamente ligados entre si sob uma disciplina commum, que tem por fim o progresso de Guimarães na esphera intellectual e economica. Para isso tem sido necessário improvisar as coisas e improvisar os homens. O povo, que dá tal documento de vitalidade, parece que pode confiar no futuro, se não perder a energia do seu braço e do seu pensamento.”

In *Revista de Guimarães*, “A Industria Vimaranesense, Folha Única”, 1884, p. 8

A imprensa ajudou a transmitir o recado em Lisboa, através de artigos publicados na *Ilustração Universal*⁴³ e no *Jornal do Commercio*, sugerindo o envio de um delegado e a realização de um estudo. O governo reagiu convocando Gustavo Adolfo Gonçalves e Sousa, diretor do Instituto Industrial do Porto, para visitar oficialmente a exposição de Guimarães e elaborar um relatório. A visita aconteceu em julho e o relatório foi publicado no Diário do Governo, tendo sido decisivo para a mudança de rumo da cidade industrial.

Gustavo Sousa apreciou a exposição e acompanhou-a comissão organizadora numa incursão ao terreno.⁴⁴ No relatório refere-se à passagem pela oficina de António da Costa Guimarães onde assistiu aos testes dos primeiros teares mecânicos, acabados de chegar a Guimarães vindos de Manchester. Porém, seria a persistência dos industriais e operários com quem contactou e que reclamavam pela escola industrial, aquilo que mais o impressionou:

“(...) o terreno está preparado. Todos os operários, seja qual for o seu officio, seja qual for a sua posição, aneiam pela instrucção e lastimam-se por não poderem adquirir-la. Era quasi a única protecção que pediam para as suas industrias, e se mais alguma coisa pediam collocavam sempre a instrucção em primeiro logar. Uma escola industrial era o seu sonho. Queriam conhecer os

⁴³ “A Exposição Industrial de Guimarães merece um estudo especial e um exame minucioso (...). O governo devia mandar alli um delegado seu para fazer esse estudo e proceder a esse exame e dar depois um relatório circunstanciado no qual indicassem as dificuldades com que luctam as industrias d’aquella cidade, e os meios de combater-as para o poder central providenciar, como lhe cumpre e como é de justiça que faça”. (In *Ilustração Universal*, 1884, n.º 21, p 193).

⁴⁴ Gustavo Sousa foi acompanhado por Alberto Sampaio, António Coelho da Mota Prego, Avelino Guimarães, Avelino Germano, José Joaquim de Meira e pelo barão de Pombeiro nas visitas que se realizaram a várias fábricas de Guimarães.

segredos da chimica, da physica, da mechanica, e lamentavam que na partilha da instrucção industrial que s. ex.^a o ministro tão providentemente fez há poucos mezes, só lhes coubesse a elles uma simples aula de desenho (...)

In Diario do Governo, n.º 243, de 24 de outubro de 1884, p 2717

Novamente, a imprensa reforçaria o alerta do delegado, insistindo que “uma escola industrial faria maravilhas”⁴⁵ pela já de si promissora indústria de Guimarães. A escola industrial foi criada, por decreto, em 3 de dezembro de 1884 e as aulas começaram de imediato, em instalações provisoriamente cedidas pela Sociedade Martins Sarmento.

Até ao final do século, Guimarães viu aparecer dezenas de novas fábricas, as máquinas a vapor, os teares mecânicos e a eletricidade. A Exposição Industrial tinha cumprido a sua missão.

4. Guimarães e as suas exposições

Enquanto em Paris se ultimava a abertura da Exposição Universal de 1900 que assinalava a transição para o século XX, em Guimarães preparavam-se as “Festas Sarmentinas” com idêntico espírito: celebrar a modernidade. Francisco Martins Sarmento, falecido em agosto de 1899, seria o grande homenageado, por lhe ser atribuído o papel principal na mudança operada em Guimarães.⁴⁶

Inerente às “Sarmentinas” estava a criação de um museu industrial e a organização de um cortejo das atividades económicas e da sociedade vimaranense. A par de uma exposição industrial, a Sociedade Martins Sarmento (SMS) preparou um desfile majestoso⁴⁷ que agregou as instituições, o comércio, a indústria, as escolas e a população. Cinco carros alegóricos, representações das associações e classes industriais e operárias, bandas de música e autoridades locais associaram-se às “Sarmentinas”. No dia 11 de março de 1900 a cidade teve folga e vestiu-se de brios, com varandas engalanadas, fogo de artifício, cavalaria em formatura e “raparigas trajadas e com os peitos cobertos de oiros”⁴⁸. Quem precisava de Paris se podia ter Guimarães?

⁴⁵ In MEIRA, Joaquim José de; SAMPAIO, Alberto. (1991). Relatório da *Exposição Industrial de Guimarães em 1884*. Porto: Muralha, p.144

⁴⁶ Sobre o trabalho de Francisco Martins Sarmento pelo progresso de Guimarães: “(...) mettendo hombros à empreza de rejuvenescer esta terra gloriosa, que decalhia a olhos vistos n'uma vetustez morbida e mortal, e conseguindo, em menos de quinze anos, reconquistar um logar proeminente na organização social portugueza.” (In “As Festas Sarmentinas”, *O Comércio de Guimarães*, XVI Ano, n.º 1464, de 6 de março de 1900).

⁴⁷ O carro alegórico da Sociedade Martins Sarmento abriu o cortejo, seguido pelo carro dos alunos da Escola Industrial. A Associação Comercial e Industrial de Guimarães preparou um carro de elogio ao comércio e indústria.

⁴⁸ *O Comércio de Guimarães*, XVI ano, n.º 1466, 13 de março de 1900.

A *Exposição Industrial de 1900*, realizada nas instalações da Sociedade Martins Sarmento, foi mobilizadora das classes industriais e demonstrou a multiplicação de fábricas e a sua evolução tecnológica. Entre os expositores encontravam-se António da Costa Guimarães, Filho & C.^a, a Fábrica a Vapor de Tecidos de Linho de Guimarães, a Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães (a maior de todas as fábricas), a Fábrica a Vapor da Madroa (pentes de chifre e celulósida), a Fábrica de Tecidos Mechanicos e Manuais de Francisco Ignácio da Cunha Guimarães (Moinho do Buraco), a Tinturaria e Estamparia a Vapor de Alexandre José Rodrigues, várias fábricas e oficinas de cutelarias, curtumes, calçado e ourivesaria.

Por iniciativa da Associação Comercial e Industrial de Guimarães foram promovidas outras exposições das atividades económicas em 1910, 1923 e 1953, esta última para assinalar o centenário da elevação a cidade e o milenário de Guimarães, mas que se transformou numa festa do regime, com o Presidente da República, Craveiro Lopes, a inaugurar o certame numa receção apoteótica.

Conclusão

As exposições, fossem universais ou concelhias, simbolizavam a emancipação e afirmação das cidades em que se realizavam, tornavam-se expressão de um poder que derivava do progresso e alimentavam o entusiasmo competitivo entre nações, industriais, cientistas e inventores.

Enquanto cartazes de elogio ao progresso tecnológico e de culto às máquinas, as exposições serviram interesses de expansionismo económico e cultural da Europa, ilustrando a hegemonia dos mais ricos sobre o exotismo etnográfico dos mais pobres. A dualidade dos mundos esteve sempre patente na festa das nações e na sua complexidade organizativa que colocava numa única montra a diversidade humana. Mesmo quando omitia os bastidores da sociedade industrial, que se deleitava com os aparatos engenhosos sem questionar que força humana lhes concedia movimento.

As exposições mundiais funcionaram como inventários de atualização periódica e os visitantes evoluíram com essa dinâmica: de contempladores passivos tornaram-se consumidores compulsivos. As máquinas e engenhos não se confinavam às fábricas e oficinas, e avançavam para os domicílios como utensílios tecnológicos de que a vida moderna não mais se dissociou.

Conviver de perto, no mesmo espaço e no mesmo tempo, com as mentes mais brilhantes e as indústrias mais poderosas do mundo, constituía uma oportunidade única que nenhuma nação, ou cidade, se arriscaria desprezar. Portugal, por motivos que se prendiam mais com a sobrevivência política dos poderes instalados do que com a verdadeira aspiração

tecnológica da sua economia, esteve presente nas principais exposições mundiais, e as indústrias de Guimarães acompanharam a representação nacional.

Esta experiência teve consequências determinantes. Inspirados pelo progresso estrangeiro e conduzidos pelo espírito esclarecido de estratégias como Francisco Martins Sarmiento e Alberto Sampaio, os industriais de Guimarães foram os primeiros a compreender a verdadeira utilidade de uma exposição industrial e a usar os próprios recursos para mecanizar as fábricas, exigir a instalação de uma escola industrial e promover um certame concelhio que publicamente demonstrasse a vitalidade da economia local, que os governos em Lisboa insistiam ignorar.

Compreenderam os homens daquele tempo que uma indústria sem inovação, nem invenção, mesmo premiada pela arte manual e preços baixos, não tinha futuro. A Exposição Industrial de Guimarães de 1884 foi o marco histórico da ambicionada mudança de paradigma.

Bibliografia

LEITÃO, Nicolau Andresen. (1994). *Exposições Universais - Londres 1851*. Lisboa: Expo 98.

MARTINS, Francisco. (1928). *Guimarães, O Labor da Grei*. Guimarães: Francisco Martins.

NÓVOA, Emília; MARTINS, António. (2012). *A Paixão das Origens - Fotobiografia de Alberto Sampaio*. Guimarães: Capital Europeia da Cultura Guimarães 2012.

REIS, Patricia. (1994). *Exposições Universais - Paris 1889*. Lisboa: Expo'98

CARVALHOS, Isabel M. (2006). *Os pavilhões de Portugal e as exposições universais*. Coimbra: Universidade de Coimbra

MENDES, José Amado. (1998). As exposições como «Festas da Civilização»: Portugal nas exposições internacionais (séculos. XIX – XX). *Gestão e Desenvolvimento*. (7), pp.249-273.

KRASNIEWICZ, Louise (2015). All the World in one place - Educating Visitors About the Changing World. *Expedition*, Volume 57, N.º1, pp 8-14

SAMPAIO, Alberto. (1884) Resposta a uma Pergunta: Convirá promover uma exposição industrial em Guimarães? *Revista de Guimarães*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento. 1(1), Jan-Mar. p.25-34

SAMPAIO, Alberto; MEIRA, Joaquim José de. (1991). *Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884*. Porto: Muralha

Royal Comission. (1851). *Official Descriptive and Illustrated Catalogue of the Great Exhibition of the Works of Industry of All Nations. Part IV*. London: Spicer Brothers, Wholesale Stationers; W. Clowes & Sons Printers.

Catalogue Officiel. (1855). *Exposition des Produits de L'Industrie de Toutes les Nations 1855*. (2ª ed.). Paris: E. Panis Éditeur. p.513-523

Catalogue Spécial. (1878). *Section Portugaise L'Exposition Universelle de Paris en 1878*. Paris: Typ.A.Pougin.

Dickinsons' comprehensive pictures of the Great Exhibition of 1851. Dickinson Brothers (Firm)

PETTIT, Henry; BLAKE, W.P. (1873). *Reports on the Vienna Universal Exhibition 1873 made to the U.S. Centennial Commission*. Philadelphia

Arquivos e hemerotecas

Carta circular. Comissão Portuguesa à Exposição Universal de Londres (1862), de 7 de agosto de 1861. (AMAP, Cota: 10-8-11-5-3-6)

Fundo Histórico da Fábrica do Castanheiro. AMAP

Hemeroteca da Sociedade Martins Sarmento

Hemeroteca da Câmara Municipal de Lisboa

Arquivo Municipal de Alfredo Pimenta

Arquivo e Biblioteca da Universidade de Coimbra

Associação Comercial e Industrial de Guimarães